

# MAPAS MENTAIS: ENTRE ONTOLOGIA E GEOGRAFIA

**Marquessuel Dantas de Souza**

Graduado em Geografia - Faculdade de São Paulo. São Paulo - SP

[marquessuelgf@gmail.com](mailto:marquessuelgf@gmail.com)

## **Resumo**

Ao buscar desenvolver uma breve reflexão a respeito dos Mapas Mentais devemos considerar alguns pressupostos para conseguirmos atingir o objetivo proposto, quer dizer, evocar o significado dos respectivos mapas e sua função no crescimento intelectual humano, no qual requer que façamos um simples traçado para compreendermos a importância dos mesmos. Assim, coloca-se que do ponto de vista cultural os mapas mentais possuem uma dimensão que pertencem aos homens em particular. Os referidos mapas nos ensinam a situar no mundo. Do mesmo modo, serve como um método elevado nos estudos da Geografia e no processo de ensino-aprendizagem (alfabetização).

**Palavras-chave:** Mapas Mentais; Ontologia; Geografia.

## **Abstract**

In seeking to develop a brief reflection about the Mind Maps should consider some assumptions to get achieve the proposed objective, that is, to evoke the meaning of their maps and their role in human intellectual growth, which requires us to do a simple route to understanding their importance. Therefore arises that the cultural point of view the mental maps have a dimension that belong to particular men. These maps teach us how to situate in the world. Similarly, serves as a high method in studies of Geography and the teaching-learning process (literacy).

**Keywords:** Mental Maps; Ontology; Geography.

## **INTRODUÇÃO: IMAGINÁRIO HUMANO**

O que é um Mapa Mental? Ou o que são Mapas Mentais? Em que consiste sua utilização? Como podemos percebê-lo e aplicá-lo no cotidiano real? – Com estas indagações iniciais podemos dizer: não estamos evidenciando utopias, nem algo impossível, ou algo semelhante. Apenas indagando aquilo que todos nós possuímos, porém, o geógrafo, em particular, se dispersa quando do seu estudo e do seu entendimento. Dito de outra forma, os mapas mentais somam um rico material psicológico e cognoscente sobre o viver humano. Em

especial no processo de alfabetização. Portanto, sua compreensão torna-se muito importante a fim de que o mesmo seja interpretado como um instrumento a mais para o homem se situar no mundo. E isto, grosso modo, está sendo não muito valorizado pelo profissional geógrafo.

Neste contexto, faz-se necessário colocar algumas questões. Quer dizer, devemos afirmar que os primeiros mapas criados pelos homens foram mapas imaginários, ou podemos considerar mapas psicológicos, isto através das reminiscências, memorização. Podemos dizer que ao se localizar por meio dos astros no céu, os homens da antiguidade elaboraram os seus primeiros mapas. Lembrando os tempos remotos, por exemplo, há passagens bíblicas, nas quais podemos verificar tais considerações. Sendo assim, vê-se a importância da temática.

Com efeito, algumas citações da bíblia identificam nitidamente as preocupações humanas em saber como se direcionar no mundo. Por exemplo, quando do relato sobre o nascimento de Jesus, os [três] magos se deslocam buscando, ou melhor, acompanhando as constelações no firmamento. Eis, portanto, que os primeiros mapas foram feitos tendo o céu como referência. Neste contexto, as estrelas, o sol, a lua e a posição dos astros eram os principais referenciais para o deslocamento das pessoas em épocas longínquas. Os gregos, os orientais entre muitos outros povos realizavam as mesmas observações.

Não obstante, as necessidades em conhecer terras distantes, implantadas no imaginário popular, fez com que as pessoas promovessem a realização do registro de tais localidades. Entretanto, antes da realização da construção de mapas em planos, o homem usou por muito tempo apenas sua memória, como repositório dos lugares, - principalmente, em se tratando de afetividade - para delimitar, dominar e manter o poder sobre o território de sua habitação e propriedade. Ou seja, por intermédio das recordações dos lugares o homem mantinha sob seu conhecimento àquelas áreas onde o fator físico se configurava como fator essencial. Quer dizer, por meio das lembranças os homens guardavam e sabiam quais eram e até onde iam suas fronteiras, todavia, em muitas ocasiões isso se processava por identificação natural. – Uma árvore, um rio, uma montanha, ou outras características semelhantes marcavam o ‘onde’ de suas terras.

## **OS MAPAS MENTAIS: CONFIGURANDO O HOMEM NO COSMOS**

Os Mapas Mentais são estudados no âmbito da Geografia Científica e Escolar. A Geografia, neste caso, constitui o meio mais simples para a compreensão do que sejam tais mapas. Contudo, coloquemos o seguinte: “o *geográfico* se nos apresenta cheio de significados de tal modo que não conseguimos negar o élan entre o homem, os outros seres vivos e a própria natureza” (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 223, grifo dos autores). Por conseguinte, “a terra e o homem são indissociáveis” (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 226). Assim como podemos dizer que “não há paisagem sem cor” (SOUZA; LIMA, 2015a, p. 129). No mais, podemos dizer que um mapa é uma arte; e um mapa mental é uma arte. Mas em que consiste a arte? “A arte... é a manifestação subjetiva humana na objetividade. Ou mais precisamente: a arte é subjetivação objetivada” (THOMAZINI; SOUZA, 2017, p. 09). E uma vez que os mapas mentais indubitavelmente se referem a psique, de certo modo fazem parte da cultura humana. *E não há cultura sem arte*. Mas o que é Cultura? “*Cultura* é toda produção material e imaterial de um grupo humano” (SOUZA, 2015b, p. 116, grifo nosso).

- Os Mapas Mentais se referem “as imagens construídas dos lugares percebidos” (NOGUEIRA, citado por SOUZA, 2012, p. 57). São representações espaciais dos lugares traçados mentalmente por todos nós. Isto é, são “representações das imagens adquiridas pelos sujeitos no seu dia a dia, no espaço de vida” (NOGUEIRA, 1994, p. 65), em suas relações com outros seres vivos. Os mapas mentais surgem “através das experiências vividas dos seres humanos” (SOUZA, 2013, p. 104).

Os mapas mentais constituem-se em representações “da forma de como o homem percebe, representa, descreve e vive o lugar” (NOGUEIRA, 2001, p. 82.). Assim sendo, “são representações de quem habita e vive o lugar” (NOGUEIRA, 2001, p. 162.). De modo singular, “os mapas mentais nos revelam como os lugares estão sendo compreendidos” (NOGUEIRA, 2009, p. 125.). Os mesmos “são representações construídas inicialmente tomando por base a percepção dos lugares vividos, experienciados, portanto partem de uma dada realidade” (NOGUEIRA, 2009, p. 129). Os referidos mapas não são simples recortes de um dado lugar, são as representações diretas do ser humano que se configuram no plano das experiências vividas do cotidiano das pessoas. São construções realmente sentidas como parte da vida comum em suas relações entre homem e meio ou homem e natureza: com o cosmos.

Deve-se ressaltar que os mapas mentais são diferentes dos mapas cartográficos, pois estes últimos são uma representação objetiva do espaço. Enquanto os Mapas Mentais “são

subjetivos e construídos a partir da percepção do espaço” (LENCIONE, 1999, p. 152). Não obstante, independentemente de serem mapas cartográficos ou mapas mentais, devemos ressaltar que “o mapa é uma forma de linguagem mais antiga que a própria escrita” (OLIVEIRA, 1978, p. 12). Em realidade, “os Mapas Mentais, por serem mais do que uma imagem de “sobre vôo” porque são representações de quem habita e vive o lugar, nos demonstram que o que neles vem representado expressa realmente o lugar como ele é” (NOGUEIRA, 2001, p. 162). Portanto, “os Mapas Mentais nos revelam a leitura que cada sujeito faz dos lugares” (NOGUEIRA, 2001, p. 164). Do seu espaço de vivência, tal como o bairro, a rua, a praça, por exemplo.

Um mapa mental está sempre conosco. Ao sabermos por aonde ir, qual o direção a seguir, traçando mentalmente as ruas, as estradas e outras situações/elementos semelhantes, estaremos, por assim dizer, praticando o nosso conhecimento mental do mapa que possuímos. Ao traçarmos o percurso em que devemos passar, entretantes, estaremos realizando, ou efetuando o processo de mapeamento mental. Uma realização do ser na geograficidade, no sentido de Dardel.

Isto nos mostra - exemplificando - como uma criança age no espaço e no tempo. Por exemplo, ao sair da sua residência em direção à escola, à casa dos parentes, movimentando-se na vizinhança entre outras coisas, uma criança passa a assimilar as paisagens em torno de si e realiza o processo de mapeamento mental. O mesmo ocorre em direção oposta, ou seja, quando de retorno à sua residência. Ou da escola a casa e etc. Do mesmo modo, tal situação nos faz identificar como uma criança entende sua espacialidade (com suas relações, por sua vez, relativas).

## **ALFABETIZAÇÃO E O MUNDO TECNOLÓGICO: UMA BREVE CRÍTICA**

Neste contexto chamamos atenção para o fato de se trabalhar o mapa mental no processo de alfabetização. Antes, porém, diremos de modo simples, o que entendemos por educação: "a educação é a intensificação singular da realização humana" (SOUZA, 2015b, p. 117). Assim sendo, a importância de buscar desenvolver a percepção espacial das crianças demonstra nitidamente a grau elevado de considerar o mapa mental como um instrumento ou um método do estudo espacial e especial. Nisto, a Geografia como disciplina torna-se o

campo do saber singular para a criança desenvolver suas aptidões para com a idéia de lateralidade e desenvolver a noção de localização, por sua vez, trabalhando o psicológico, conforme as orientações piagetianas.

Continuando, coloquemos algumas outras situações. Ao passar, ou melhor, uma criança ao transpor uma imagem de uma rua, por exemplo, com suas casas, sinalizações e outras coisas parecidas, - contida em sua mente - para um plano (papel, caderno de pintura), através de um desenho, por assim dizer, mesmo que esteja brincando (promovendo o lúdico), demonstra que ela mesma tem consigo o seu mapa mental, apesar de não saber ou não ter conhecimento em relação ao mesmo. Ao desenhar as ruas que o levam à escola, uma criança transporta aquela imagem (subjetiva e abstrata) para o real (objetivo e concreto). Assim tal criança promove sua visão de mundo. – Isto é válido para qualquer pessoa, desde que queira fazer e que esteja em suas possibilidades de realização.

A partir da 5ª série (6º ano) do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio, é possível trabalhar a noção de mapa mental. Por sua vez, da 5ª a 8ª série (do 6º ao 9º ano) o trabalho docente para exemplificação referente ao tema é mais complexo em virtude da imaturidade dos estudantes. Contudo, no ensino médio o aproveitamento é mais significativo devido às experiências vividas dos estudantes (dos 15 aos 18 anos, em média) serem mais acentuadas. Para tanto, fazer os alunos entenderem o que são os mapas mentais e sua função na vida humana, exige muito do profissional docente. Ao desenharem o percurso que os mesmos fazem todos os dias para irem à escola, os discentes efetuam uma espécie de transcendência perceptual. Quer dizer, promove a concreção do abstrato, a objetivação do subjetivo. Por conseguinte, requer esforço por parte do educador para que os educandos possam entender de modo simples o que constituem os mapas mentais.

- Buscando direcionar uma breve crítica ao processo de mapeamento mental, neste ponto devemos chamar atenção para a contemporaneidade, o século XXI (época em que somos estuprados mentalmente). Bem entendido, atualmente cada vez mais o homem está perdendo seu senso de percepção espacial. O ser humano se mostra distanciado do seu mapa mental. O mesmo se mostra alienado à tecnologia informacional e sua capacidade e aptidão de conhecimento tornam-se mais e mais empobrecida e limitada para com o real. O ser criativo chamado 'homem' deixou-se ser dominado por esse processo que o deixa muito longe do seu ideal: ser criativo.

Citemos um exemplo apenas para configurar nosso propósito no presente texto (embora deixando claro que há muitos outros exemplos que poderíamos comentar). Para tanto, não queremos polemizar, por isso uma referência é o suficiente para fundamentar o que chamaremos de fator psico-geográfico (percepção espacial). Neste momento adotamos a proposta conceitual de Piaget sobre a idéia de percepção. Para o referido autor “a percepção é o conhecimento dos objetos resultante de um contato direto com eles” (PIAGET; INHALDER, 1993, p. 32).

Um exemplo: diz-se, o GPS impera entre os homens fazendo com que eles não pensem mais. Apenas e tão somente exige-se que os homens ponham em prática aquilo que surge. Não reflitam; simplesmente aceitem tudo e não reclamem. Não saibam; unicamente façam. Não conheçam; singularmente não questionem. – Eis uma questão crítica; o homem tornou-se escravo moderno. O mesmo vive no vazio coletivo (lembrando as ideais de Lipovetsky e Norberto Keppe). Com efeito, na época recente a escola também promove isto; uma espécie de aparelho ideológico de e do estado, no sentido de Althusser. Em outros termos, a sociedade atual é mediata e mecanicista sem uma preocupação com a formação humanitária. Apenas visa o capital econômico. Por isso, há tantas escolas direcionadas ao comércio, ocultando o saber de formação conceitual (preparar o homem espiritual e mentalmente).

Com isso se quer dizer: dialogando sobre os mapas mentais, podemos assim considerar, que os mesmos não existem ou passam a não existir diante à época atual. Em outros termos, os mapas mentais tornam-se ilusões, devaneios. Os mesmos passam a não ser percebidos, as pessoas os usam diariamente, mas não conseguem se encontrar, não sabem distingui-los, não sabem utilizá-lo, não buscam desenvolvê-lo. Não obstante, para algumas pessoas os mapas mentais são fantasias, delírios. - Proposição que refutamos. - Acreditamos que os mapas mentais são como os sonhos: precisam de atenção especial para que possam ser compreendidos, parafraseando Freud.

Em todo caso, apesar de tudo o que ocorre nas sociedades atuais é significativo notar que mesmo negando as suas possibilidades, todos nós aplicamos nosso mapa mental para nos situar no mundo todos os dias. Por mais que rejeitem ou ignorem, bem como não acreditem, os mapas mentais são uma fonte valiosa para nos indicar que somos capazes de reconhecer os mais variados lugares existentes. Obviamente, os mapas mentais constituem-se como uma espécie de “raciocínio geográfico” (LACOSTE, 2013, p. 189) do mundo. - Agimos

especialmente, existimos temporalmente (em sentido qualitativo: nascimento e morte; juventude e velhice); somos ontologicamente por meio dos mapas mentais que inegavelmente possuímos.

## **CONSIDERAÇÕES**

No sentido ontogenético e filogenético há que salientar o potencial humano para desenvolver-se, apesar de todas as resistências em si. De modo a satisfazer o que fora proposto, convém dizer que os mapas mentais se constituem uma capacidade suprema e nobre do homem estar na natureza. O texto em si, por mais breve que se configurou apresentou-se como preliminar quando do aprofundamento da tese sobre o sentido de localização engendrado pelo homem ao longo dos tempos vividos.

Todos os animais animados necessitam de orientação para deslocar-se no sistema Terra (natureza). Sejam animais marinhos, terrestres ou aqueles que utilizam os ares para a locomoção. Diante disso, diz-se que os mapas mentais pertencem – além do homem – àqueles animais cuja vida exige mudanças de lugares durante as estações sazonais. Isto é, os animais migratórios têm um senso de mapeamento muito singular. Isto, em sua máxima amplitude (na mais vasta acepção desta palavra). Neste sentido, chamamos atenção para o fato de que não apenas o homem, mas outros seres vivos também sabem muito bem mover-se no espaço-tempo usando, grosso modo, o mapa mental que lhe pertence.

Muito embora tenhamos direcionado algumas críticas breves, as mesmas foram efetuadas para mostrar que o homem desenvolve os mapeamentos de forma outra. Ou seja, além da rememoração, o ser humano usa a imaginação, a criatividade e transpõe para o exterior a idéia abstrata que se encontrava presa em seu ser. Em outras palavras, diferentemente dos outros animais, apenas o homem pode representar em um plano ou cartograficamente a idéia de localização, direção (rotas), e com detalhes. No entanto, com a sofisticação tecnológica em voga, o ser humano acomoda-se e deixar de agir conforme seu potencial ontológico. Uma situação, por assim dizer, constrangedora para quem estuda o comportamento humano na dimensão histórico-geográfica. Por ora é o que compreendemos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

LACOSTE, Yves. **A Geografia** – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 19ª edição. 2ª reimpressão. (Tradução Maria Cecília França) Campinas: Papirus, 2013. 240p.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. (1ª ed. 1999). 2ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2009. 221p. (Acadêmica; 25)

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. *Mapa Mental: recurso didático para o estudo do lugar*. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Orgs.). **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2009. 384p.

\_\_\_\_\_. **Percepção e Representação Gráfica: A “Geograficidade” nos Mapas Mentais dos Comandantes no Amazonas**. Tese de doutorado. Departamento de Geografia da USP. São Paulo, 2001. 181p.

\_\_\_\_\_. **Mapa Mental: recurso didático no ensino de geografia no 1º grau**. Dissertação de Mestrado. DEGEO-USP. São Paulo, 1994. 208p.

OLIVEIRA, Livia de. **Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa**. Tese de Livre Docência. Universidade de São Paulo. Instituto de Geografia, 1978. 128p.

PIAGET, Jean e INHALDER, Bärbel. **A Representação do Espaço na Criança**. (Tradução de Bernardina Machado de Albrquerque) Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 510p.

SOUZA, Marquessuel Dantas de & LIMA, Daniele Inácio. *Arquitetura, Geografia e Música: uma discussão artístico-filosófica*. In: **Boletim Gaúcho de Geografia (BGG)**. Porto Alegre, v. 42, n. 1, pp. 117-136, jan. 2015a.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. *Literatura, música, geografia e educação: simbolismo cultural*. In: **Revista da FUNDARTE**. Ano 15, nº 29, pp. 106-120, jan./jun. 2015b.

SOUZA, Marquessuel Dantas de & PEREIRA, Adriana Lopes. *Artes e Geografia na sala de aula: uma reflexão filosófico-pedagógico-didática*. In: **Linguagens: Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 8, n. 3, pp. 221-229, set./dez. 2014.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. *Geografia, Literatura e Música: o simbolismo geográfico na arte*. In: **Revista de Geografia (UFPE)**. Recife, vol. 30, nº 1, pp. 103-147, 2013.

\_\_\_\_\_. **Geografia e Percepção: uma interpretação introdutória a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty**. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2012. 134p.

THOMAZINI, Beatriz Xavier & SOUZA, Marquessuel Dantas de. *Ismália (durante a travessia)*. In: **Revista Pandora Brasil - Revista de humanidades e de criatividade filosófica e literária**. 2017. 09p.